

O ARTIGO DEFINIDO EM *TRECHOS DA REGRA DE S. BENTO* (XIV/ XV): UMA ABORDAGEM FILOLÓGICA

THE DEFINITE ARTICLE IN *TRECHOS DA REGRA DE S. BENTO* (XIV /XV): AN APPROACH PHILOLOGICAL

Miguél Eugenio ALMEIDA*

Resumo: Em *Trechos da Regra de São Bento*, selecionamos um *corpus* de 113 (cento e treze) ocorrências sobre o artigo definido e das combinações deste com as preposições. Os mesmos foram transcritos diplomaticamente por Bueno ((1941, p.48-52), da “Collecção de Inéditos portuguêses dos séculos XIV e XV”, pub. por Fr. F. de S. Soaventura, t. I p.249-253. Destarte, verificamos a formação do artigo em questão compreendido no período do português arcaico. Assim, verificamos, por meio dos artigos ocorrentes, o processo de formação desses artigos pela passagem do latim para o português arcaico aplicando a base teórica da Filologia Portuguesa, principalmente. Esses artigos foram distribuídos nos seguintes tópicos: os artigos definidos isolados; os artigos implícitos formando as preposições por combinação; o artigo e a crase.

Palavras-chave: Morfologia arcaica do português; Filologia Portuguesa; Artigo definido.

87

Abstract: In Excerpts from the Rule of St. Benedict, we selected a corpus of 113 (one hundred and thirteen) occurrences of the definite article and combinations of this one with prepositions. They were transcribed by diplomatically Bueno ((1941 p.48-52), the " Collecção de Inéditos portuguêses dos séculos XIV e XV", pub. Friar F. S. Soaventura, t. p.249- I 253. Thus, we see the formation of the article in question be within the period of archaic Portuguese. Accordingly, we find, by means of occurring items, the process of formation of these articles by the passage from Latin into archaic Portuguese applying the theoretical basis of Portuguese Philology, mainly. These articles were distributed in the following topics: the isolated definite articles; implicit articles forming prepositions by combination; article and the crasis. Keywords: Morphology of archaic Portuguese; Portuguese Philology; Definite article.

Introdução

Em *Trechos da Regra de S. Bento*, trabalhamos com um *corpus* de cento e treze (113) ocorrências morfológicas – artigo definido e deste em combinação/ contração com a preposição -. Os mesmos foram transcritos diplomaticamente por Bueno (1941, p. 48-52), da “Collecção de Inéditos portuguêses dos séculos XIV e XV”, pub. por Fr. F. de S. Soaventura, t. I p.249-253.

Destarte, verificamos neste estudo a formação do artigo em questão compreendida no período arcaico da língua portuguesa. Assim, apontamos, por meio

* Doutor em Língua Portuguesa, Programa de Pós-Graduação: Mestrado em Letras/UEMS, e-mail: mealmeida_99@yahoo.com.br

dos artigos ocorrentes, os seus processos de formação, principalmente, baseando-nos, todavia no aparato teórico principal das seguintes obras e respectivos autores: *A formação histórica da Língua Portuguesa*, de Bueno (1958); *Pontos de Gramática Histórica*, de Coutinho (1976); *O português arcaico: morfologia e sintaxe*, de Mattos e Silva (1993), entre outros.

Para tanto, fizemos um estudo diacrônico e morfológico do Latim ao Português Arcaico, pontuando essa formação distribuindo as ocorrências em tópicos específicos: Os artigos definidos isolados. Os artigos implícitos formando as preposições por combinações. O artigo na crase. Inicialmente, levantamos alguns elementos contextualizadores da História dos Conventos de São Bento em Portugal, que é meio da produção desse códice; e, ainda, tecemos alguns comentários, na perspectiva da Antropologia Filosófica, elucidando o fenômeno religioso presente nesse documento escrito.

Período histórico

Esse excerto faz-nos retornar ao passado medieval e, em certa medida, apresenta-nos algumas evidências culturais marcantes, registradas pela língua portuguesa. Verificamos nele o motivo teológico que pede ao espírito do noviço a renúncia aos apelos da carne para a formação beneditina, a fim de aproximação máxima com o *Sagrado*; pois este “[...] representa o valor supremo ao qual se subordinam todos os outros valores.” (MONDIN, 1980, p. 243). Atingir a plenitude suprema da espiritualidade é a meta de todo cristão; e, de modo especial, do monge beneditino à medida que renuncia aos valores profanos.

Nesse caso, a religião direciona o homem para a posse de todos os conhecimentos, de todas as ações e de todas as estruturas exprimindo, desse modo, o reconhecimento e a veneração íntima para com o *Sagrado* (*Idem, ibidem*, p. 242). Transportando esta noção de religião, São Bento define claramente, nessas regaras, a importância do conhecimento das Escrituras Sagradas orientando as práticas do monge, para que possa alcançar a plenitude de sua santidade, ou seja, aproximar-se, de maneira mais profunda possível, da glória celestial, a fim de atingir a felicidade plena do homem cristão.

Mais precisamente, os beneditinos chegaram a Portugal no século X (1085-95). Com a alteração do sistema visigótico da organização da família e da propriedade rural,

houve a dissociação e a desavença das comunidades. Nesse ínterim, no ano de 1567, a ordem beneditina portuguesa é fundada. A partir de 1581, muitos mosteiros foram criados e diversas atividades foram desenvolvidas por eles (FLORES, 1996, p. 79).

A Igreja Católica, por meio de suas congregações sacerdotais e religiosas, contribuiu sobremaneira para a expansão do uso do latim e para a formação das línguas neolatinas, devido ao seu papel missionário de evangelização dos povos, principalmente. Entretanto, fazia-se necessário um contingente numeroso de sacerdotes e religiosos para atender a demanda missionária. Diante desse quadro, há uma quantidade significativa de documentos históricos que traduzem as atividades religiosas no mundo.

A relação da Igreja com o Estado era bastante amistosa, dado a anuência do papa ao imperador português para que esse pudesse organizar a Igreja nas regiões colonizadas, denominada de “direito de padroado”, ou seja,

A organização da Igreja no Brasil entre 1550 – 1800 era em grande parte controlada pelo Padroado, uma prerrogativa da Coroa portuguesa baseada no fato de o rei ser grão-mestre de três tradicionais ordens militares e religiosas de Portugal: a de Cristo (a mais importante), a de São Tiago da Espada e de São Bento, a partir de 1551 (HOORNAERT, 1982, p. 12).

Dessa forma, a Igreja servia aos seus propósitos missionários e aos propósitos da Coroa portuguesa, para garantir a soberania das Colônias.

Artigos definidos

A seguir, apresentamos a organização distributiva dos tópicos compreendidos no *corpus* em questão e tecemos alguns comentários. Na continuidade desta exposição, descrevemos o processo de formação dessas ocorrências.

Bueno (1958) transcreveu basicamente três tópicos da *Regra de S. Bento*, a saber: *Começa-se o prologo da regla de San Beento Abbade; Como nos convida a Sancta Scriptura, que nos convertamos, e tornamos pera Deus, e diz.;* *De quaes obras devemos de começar para ir ao Reyno de Deus.*

O primeiro tópico trata primordialmente do valor incondicionado da obediência aos preceitos transmitidos por Jesus Cristo aos seus apóstolos e, naquele momento, aos monges beneditinos. Destarte, essa obediência implica tão somente na reflexão de cada palavra e frase levando o frade a ter uma vida de serviço e de oração renunciando a luxúria, para que ele tema os castigos divinos desprovido-o do merecimento à glória celestial. Pois, ao pertencer ao mundo dos eleitos, o frade almeja, sobremaneira, ir ao

encontro com Deus, num contato pessoal com Ele, procurando o reconhecimento sincero e devotado do seu mais intenso valor absoluto. (MONDIN, *op. cit.*, p. 243). A razão da obediência aos ditames de Cristo está fundamentada no seguinte:

[...] a finitude, a contingência, a dependência (em particular a que ele observa com relação a lei moral): Tomando consciência dessas suas características, o homem abre-se espontânea e naturalmente a um Ser superior. Da sua existência, em seguida, ele pode adquirir um conhecimento seguro através de muitos outros indícios, em particular o da ordem espetacular do universo. Uma vez reconhecida a existência de tal Ser, é lógico que eles entrem em contato com ele: relações de oração, de adoração, de sacrifício, etc. Então, a dimensão religiosa assume uma estrutura precisa, regulada, ordenada (*Idem, ibidem*, mesma página).

No caso, o homem, tomando consciência de sua condição limitada, busca suprir essa falta no Outro – Ser Absoluto – preenchendo-a plenamente.

O segundo tópico aponta para a conversão dos pecadores por meio do conhecimento das Sagradas Escrituras reveladas, de uma parte, pelos Santos Profetas por Deus e pelos testemunhos da pregação de Jesus Cristo, de outra parte, dos Santos Evangelistas e apóstolos. Desse modo, basicamente, os Evangelhos tratam da moral e do plano de salvação por meio do amor ao próximo, ou seja, fazer todo bem e evitar todo mal, notoriamente pelo mau uso da língua. Essa “conversão” leva o pecador para o nível antropológico da autotranscendência, ou melhor dizendo: “[...] o encontro com o Sagrado é o ato de autotranscendência por excelência; ele ocorre quando o homem transcende o seu ser atual e toda a esfera do real que o circunda.” (*Idem, ibidem*, p.245). Há quem justifique esse fenômeno religioso, colocando o seguinte: “[...] ele não poderia colocar-se em relação com o Sagrado se não devesse a ele a sua origem e não fosse para ele voltado como para o fim último.” (*Idem, ibidem*, mesma página). Assim, verificamos a relação de paternidade entre o Criador e a criatura humana.

O terceiro tópico sublinha a realização das boas obras seguindo os preceitos do Evangelho, desse modo: falando a verdade pelo seu coração; deixando de mentir por meio da língua; afastando-se do mal que prejudica ao outro. Nestes casos, a atitude de bondade do cristão eleva-o para o convívio dos eleitos junto ao Senhor, distanciando-se cada vez mais das tentações do maligno.

Portanto, o bem não deve ser feito orgulhosamente, mas humildemente ditado pela luz dos Evangelhos. Assim, a conversão do pecador acontece pela obediência deste aos ditames da vontade de Deus.

Os pronomes demonstrativos latinos acompanhando substantivos tinham a função de determinar os mesmos (substantivos). Esta prática de uso levou

possivelmente, na formação das línguas neolatinas, o aparecimento dos artigos, ou conforme o estudioso da Filologia:

No latim não havia artigos. O que os romanos faziam frequentemente, mesmo na língua clássica, era empregar o pronome demonstrativo antes de um substantivo, próprio ou comum, para indicar que ele era conhecido, prática possivelmente adotada pela fala popular. (SILVA, 2010, p. 135).

Na sequência, verificamos todo o processo da origem e formação do artigo definido em português, a partir do Latim, para que, em seguida, possamos proceder a análise das ocorrências morfológicas; tomando por base teórica Coutinho (1976, p. 251), temos as seguintes transformações fonéticas originando o artigo definido no português:

- a) *illu* > *elo* > *lo* > *o*. Transformações fonéticas: 1. dissimilação vocálica (da vogal alta anterior /i/ para a vogal média anterior /è/; 2. redução das geminadas laterais /l/; 3. dissimilação vocálica (da vogal alta posterior /u/ para a vogal média posterior /ò/); 4. aférese da vogal média /è/; 5. aférese do fonema lateral /l/.
- b) *illos*¹ > *elos* > *los* > *os*. Transformações fonéticas: 1. dissimilação vocálica (da vogal alta anterior /i/ para a vogal média anterior /è/; 2. redução das geminadas laterais /l/; 3. aférese da vogal média anterior /è/; 4. aférese do fonema lateral /l/.
- c) *illa*² > *ela* > *la* > *a*. Transformações fonéticas: 1. dissimilação vocálica (da vogal alta anterior /i/ para a vogal média anterior /è/; 2. redução das geminadas laterais /l/; 3. aférese da vogal média anterior /è/; 4. aférese do fonema lateral /l/.
- d) *illas*³ > *elas* > *las* > *as*. Transformações fonéticas: 1. dissimilação vocálica (da vogal alta anterior /i/ para a vogal média anterior /è/; 2. redução das geminadas laterais /l/; 3. aférese da vogal média anterior /è/; 4. aférese do fonema lateral /l/.

A seguir, expomos a aplicação teórica dos artigos definidos na análise dessas ocorrências. Dividimos o trabalho de análise em três pontos: 1. os artigos definidos isolados; 2. os artigos implícitos formando as preposições por combinação; 3. artigo *a* em contração com a preposição *a* ocorrendo crase.

Ao todo, selecionamos um *corpus* com cento e treze (113) ocorrências do artigo isoladamente, do artigo formando as combinações prepositivas e do artigo ocorrendo à crase.

Os artigos definidos isolados

Neste conjunto, verificamos uma ocorrência de 46% (quarenta e seis por cento) do *corpus* em questão, ou seja, correspondendo cinquenta e duas formas ocorrentes, tais como: *o(s)*, *a(s)*, *los*. Abaixo, exemplificamos com algumas ocorrências nos contextos frasais, tais como:

- a) *Começa-se o prólogo da regla de San Beento Abbade*⁴. (p.48)
- b) *E assy certamente lhe devemos seer obedientes em todo tempo por los beës [...]*. (p.49)
- c) [...] *os olhos da minha misericordia esguardaram sobre vós [...]*. (p.50)
- d) *Ca diz o piadoso nostro Senhor: non quero a morte do pecador [...]*. (p. 51)
- e) [...] *e as minhas orelhas seram aprestes pera ouvir as vossas prezes*. (p. 50)

A forma ocorrente *los*, letra b, ocorre no *corpus* uma só vez; porém, verificamos que *los* está acompanhando a preposição *por* (< pro), ou melhor, representando um caso raro de ocorrência no português arcaico da região central de Portugal⁵. Portanto, esta forma é um alomorfe, ou conforme a estudiosa do português arcaico:

Também ocorre seguindo itens terminados por /r/; é o caso de [...] *pólo* [por + lo], tendo *pelo* permanecido na língua, como remanescente desse alomorfe frutífero no período arcaico e que ainda pode ocorrer, não apenas em *pelo*, em variantes do português de Portugal (SILVA, 1993, p. 24).

Ainda neste contexto, o artigo *los* ocorre raríssimas vezes nos códigos dos cancioneiros provençais; mas a ocorrência é abundante nas formas *o,os*; *a,as*. (BUENO, 1958, p. 134).

Assim, as demais formas de artigo definido seguem o padrão do português arcaico dessa região central lusitana; e não da região galega, como nos atesta a filóloga brasileira:

O artigo definido [...] desde os primeiros textos já ocorre a forma – o, a, os, as, originadas do demonstrativo latim *-llū-*, *illōs*; *illā-*, *illās*. A forma lo, los; la, las aparece em documentos da área galega e, eventualmente, no *Cancioneiro Medieval* [...] (SILVA, op. cit., p. 23).

Os artigos implícitos formando as preposições por combinação

Nesse inventário das ocorrências da contração prepositiva com o artigo, encontramos sessenta exemplares perfazendo um percentual de 53% do *corpus*. Este número é bastante significativo nessa amostragem apontando o uso com muita frequência.

A combinação da preposição com o artigo definido forma uma unidade fonológica (= vocábulo fonológico). Esta noção implica a sílaba originando novos morfemas, principalmente. Dessa produção de novos morfemas, obtemos os mesmos por meio de dissimilação vocálica (= abaixamento), como por exemplo: (de + a) = da, ou seja, o fonema vocálico médio anterior /è/ é transformado no fonema vocálico baixo /a/. Dessa forma, ocorre a combinação da preposição *de* com o artigo *a* alterando o padrão silábico, dessa forma: de ~ da, em que *de* (d + e) varia para *da* (d + a → junção do fonema dental com a vogal baixa). Exemplificando, temos essas ocorrências nas frases abaixo:

- a) *Filho, ascuyta os preptos **do** meestre. (p.48)*
- b) [...] *e receber em no conto **dos** seus filhos (p. 49)*
- c) [...] *os olhos **da** minha misericordia esguardaram sobre vós [...]. (p.50)*
- d) [...] *e reteve os começos **das** cuidações pequenas [...]. (p. 51)*

Em a, a preposição *de* com o artigo definido masculino *o* resultando a forma *do*. Neste caso, há perda de fonema – apócope da vogal média anterior .

Em b, a preposição *de* une-se ao artigo masculino plural *os* originando a forma *dos*. Aqui, também ocorre a apócope do fonema vocálico médio anterior dessa preposição.

Em c e d, verificamos o seguinte explicação: com a apócope da vogal média anterior /è/, do elemento prepositivo *de*, a combinação dessa preposição com o artigo definido feminino singular *a* e com o artigo definido feminino plural *as* produz as formas *da* e *das*.

A seguir, verificamos algumas ocorrências da combinação da preposição *en* (< in) com o artigo definido *o*, *os*; *a*:

- a) [...] *e receber em **no** conto dos seus filhos, (p.49)*
- b) *Em **no** qual regno se nós queremos viver e morar [...]. (p.50)*
- c) *Ende nostro Senhor **no** avanglho diz - . (p. 50)*
- d) [...] *é a nós a escola de nostro Senhor [...] **no** qual estabelecimento nijnte aspero, nijnte grave **nos** estabelecidoiros atendamos. (p.52)*
- e) *E buscando o Nossso Senhor Deus **na** multidoõe do poboo o seu obreyro,(p. 49).*

Nessas frases, a preposição *en* (< in), ao formar o processo de combinação com o artigo masculino *o*, *os* e *a* sofre aférese da vogal média anterior /è/; em seguida, ocorre a prótese do fonema alveolar nasal dental /n/ anexando-se ao artigo.

Destarte, as ocorrências das formas **ao**, **aa** e **aas** são raras para o *corpus* deste estudo. Eis alguns exemplares significativos:

- a) [...] *que o non quizeron seguir pera ir **aa** sua gloria.* (p. 49)
- b) *E depouys que abrimos os olhos **ao** lume do conhecimento de Deus,* (p. 49)
- c) *De quaes obras devemos de começar para ir **ao** Reyno de Deus.* (p. 50)
- d) [...] *Senhor, non a nós, mays **ao** teu nome dá gloria.* (p. 51)
- e) [...] *e assi fugintes **aas** penas do inferno [...].* (p. 52)
- f) [...] *pera non recontavil dulcidõe perseverantes no moesteyro ataa morte esguamos **aas** paixões de Christo [...].* (p. 52)

Na frase a, não ocorre crase, como verificamos, mas uma combinação da preposição *a* (< ad) com o artigo definido feminino *a*. No caso, a preposição é exigida pelo verbo *ir*, pois quem vai, vai a algum lugar.

De modo similar, na letra e, o verbo fugir dessa frase pede objeto indireto acompanhado da preposição *a*. Assim, esta preposição combina-se com o artigo definido feminino plural *as* ocorrendo a forma *aas*; e não a crase (= contração da preposição *a* com o artigo *as* → às).

De outra maneira, na letra f, a forma verbal *esguamos*⁶, compreendendo o sentido de guardar, não regido pela preposição *a* (<ad). Portanto, a presença do duplo artigo pode justificar o efeito estilístico traduzido pelo valor religioso da “Paixão de Cristo”.

Além dessas ocorrências de combinação da preposição com o artigo, verificamos apenas duas formas da combinação da preposição *por* (< pro) e da preposição *per* (< per) com os alomorfes do artigo definido *la* e *lo*, a saber, nas frases:

- g) *Eys o nosso Senhor **pola** sua piedade nos demonstra a carreira da vida.* (p. 50)
- h) [...] *andemos, Irmãos, os caminhos de Deus **pelo** guiamento do Evangelho* (p. 50)

Destarte, as formas *pola* e *pelo* surgem da combinação das preposições *por* e *per* com *la* e *lo* (COUTINHO, op. cit., p.269). A combinação, no caso, ocorre pela apócope da vibrante /r/ seguida da elisão com o alomorfe do artigo *lo* e *la*.

A guisa de esclarecimento, estes alomorfes do artigo arcaico não desaparecem do português, como nos atesta o autor de obras filológicas: “Na língua moderna, quando ao infinito se segue o artigo em função pronominal, reaparece a forma *lo*, *la*: *amá-lo*;

chamá-los, chamá-las.” (BUENO, 1958, p. 134). Eles retornam ao português atual na função de objeto clítico do verbo.

O artigo na crase

Quanto à contração prepositiva – a – com o artigo definido feminino – a -, encontramos, no *corpus* selecionado, apenas uma forma ocorrente (1%). Ei-la: *Aquel, que tem orelha pera ouvir, ouça aquilo que o Spiritu diz às Egrejas?*(p. 49). Diante disso, podemos explicar o seguinte: o verbo *dizer* é transitivo direto, assim: quem diz alguma coisa, diz para alguém. Desdobrando, temos: [...] *o Spiritu diz às Egrejas* [o que os ouvidos escutam]. Aí, verificamos que o uso da crase⁷, mesmo nesta única forma, demonstra o princípio da compreensão nocional morfossintática da gramática internalizada no falante do português arcaico.

Considerações finais

Com este estudo sobre o aparecimento e uso do artigo definido em *Trechos de Regra de S. Bento*, compreendemos que o mesmo possa contribuir para o esclarecimento da origem e formação desta classe gramatical ao estudioso de português. Além disso, contextualizamos comentando, quer sob a perspectiva histórica, quer sob a perspectiva da Antropologia Filosófica, o meio histórico e religioso da produção do documento em questão – *Regras de São Bento* – que retiramos o objeto deste estudo.

Assim, podemos visualizar quer o uso dos artigos – o, os, a, as -, quer nas suas formas alomórficas – lo, los;la, las; no, nos; na, nas – continuam sendo empregadas no português atual. Estas alomorfas, principalmente, ocorrem encliticamente funcionando como objeto clítico.

Referências

BUENO, F.S. **A formação histórica da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

_____. **Antologia Arcaica**: Trechos em prosa e verso, coligidos em obras do século XVI. São Paulo: Saraiva, 1941.

CAMARA JÚNIOR, J. M. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

COUTINHO, I.L. **Pontos de Gramática Histórica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FLORES, M. **Dicionário de história do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

HOORNAERT, E. **A Igreja no Brasil-Colônia (1550 – 1800)**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MONDIN, B. **O homem: quem é ele?** Elementos de Antropologia Filosófica. Tradução: R. L. Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

SILVA, J.P. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: O Autor, 2010.

SILVA, R.V.M. **O português arcaico: morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 1993.

Notas:

¹ Corresponde em latim ao pronome demonstrativo, acusativo, masculino, plural.

² Cf. com o latim: pronome demonstrativo, acusativo, plural, neutro.

³ Cf. com o latim: pronome demonstrativo, acusativo, plural, feminino.

⁴ Cf. a frase em itálico foi transcrita diplomaticamente da fonte desse *corpus* e o termo em negrito desta e das demais frases destacadas pelo autor desta pesquisa.

⁵ Cf. região da compilação do códice.

⁶ O copista deste códice usou provavelmente esta forma sincopada – *esguamos* – da forma *esguardamos*.

⁷“Enunciação numa única vogal de duas vogais iguais em junctura (v.) fechada. [...] A crase é assim, do ponto de vista sincrônico, uma variação morfofonêmica (v.) que decorre, por exemplo, em português, a partícula *à* ou *às*, que reúne em si a preposição *a* e o artigo feminino (ex.: *vou à praia*, *vou às margens do rio*). (CÂMARA JR., 1981, p. 87 a).

[Recebido: 30 ago. 2014 / Aceito: 06 nov. 2014]